

DISCURSO 5

Os anos desconhecidos da vida de Jesus – estadia na Índia



No Novo Testamento, uma cortina de silêncio desce sobre a vida de Jesus após seus 12 anos, para erguer-se novamente apenas dezoito anos mais tarde, na oportunidade em que ele recebe o batismo de João e começa a pregar às multidões. Ouvimos apenas:

E crescia Jesus em sabedoria, em estatura, e em graça para com Deus e os homens.

Lucas 2:52

Que os contemporâneos de um personagem tão extraordinário nada tenham encontrado digno de nota desde a infância de Jesus até seus trinta anos é por si só surpreendente.

Entretanto, relatos notáveis existem, não na terra natal de Jesus, porém mais ao leste, onde ele passou a maior parte de seus “anos desconhecidos”. Registros preciosos encontram-se ocultos em um mosteiro tibetano. Eles se referem ao Santo Issa de Israel, “em quem estava manifestada a alma do universo”; que, dos 14 aos 28 anos, ele permaneceu na Índia e regiões do Himalaia, entre santos, monges e sábios; que pregou sua mensagem naquela região e então retornou para ensinar em sua terra natal, onde foi tratado de forma vil, sentenciado e condenado à morte. Com exceção do relato nesses antigos manuscritos, nenhuma outra história dos “anos desconhecidos” da vida de Jesus foi jamais publicada.

Providencialmente, esses antigos registros foram descobertos e copiados por um viajante russo, Nicholas Notovitch. Durante suas viagens pela Índia em 1887, Notovitch deleitava-se com as maravilhas dos estimulantes e acentuados contrastes da antiga civilização indiana. Em meio à grandeza natural da Caxemira, ele ouviu histórias sobre Santo Issa, cujos detalhes não lhe deixaram dúvidas de que Issa e Jesus Cristo eram a mesma pessoa. Ele soube que cópias de antigos manuscritos preservadas em alguns mosteiros tibetanos continham um registro dos anos da permanência de Issa na Índia, no Nepal e no Tibete. Sem se desencorajar por perigos e obstáculos, Notovitch viajou para o norte, chegando finalmente ao mosteiro de Himis, nas imediações de Leh, a capital de Ladakh, o qual, segundo lhe haviam dito, possuía uma cópia dos livros sagrados a respeito de Issa. Embora recebido amavelmente, ele não teve acesso aos manuscritos. Desapontado, Notovitch iniciou seu regresso à Índia; mas, num acidente quase fatal numa passagem traiçoeira das montanhas, sua perna fraturou-se numa queda. Valendo-se desse incidente como oportunidade para uma segunda tentativa de ver os livros sagrados, ele pediu para ser levado de volta a Himis a fim de receber os necessários cuidados. Desta vez, após insistentes pedidos, os livros lhe foram trazidos. Talvez agora os ламas sentissem a obrigação de tratar com a máxima hospitalidade possível o seu hóspede ferido – uma antiga tradição honrada no Oriente. Com a ajuda de um intérprete, ele copiou meticulosamente o conteúdo das páginas referentes a Jesus à medida que eram lidas pelo superior dentre os ламas.

Voltando à Europa, Notovitch percebeu que seu entusiasmo pela descoberta não era compartilhado pela ortodoxia cristã ocidental, que se mostrou relutante em apoiar tal revelação radical. Assim, ele próprio publicou suas anotações em 1894, sob o título *The Unknown Life of Jesus Christ* [“A vida desconhecida de Jesus Cristo”]. Em sua publicação, insistiu para que um grupo de pesquisadores qualificados fosse enviado para examinar e julgar por si mesmo o valor desses documentos anteriormente secretos. Embora as afirmações de Notovitch fossem contestadas por críticos nos Estados Unidos e na Europa, a precisão de seu relato foi atestada por pelo menos duas outras pessoas respeitáveis que viajaram ao Tibete para pesquisar e averiguar a autenticidade desses manuscritos.

Em 1922, Swami Abhedananda, discípulo direto de Ramakrishna

Antigos registros de um mosteiro tibetano

Paramahansa, visitou o monastério Himis e confirmou todos os detalhes relevantes acerca de Issa publicados no livro de Notovitch.¹

Nicholas Roerich,² em uma expedição à Índia e ao Tibete na década de 1920, examinou e copiou versículos de antigos manuscritos que eram iguais, pelo menos em conteúdo, aos publicados por Notovitch. Ele também se sentiu profundamente impressionado pela tradição oral daquela região. “Em Srinagar foi onde primeiro encontramos a curiosa história sobre a visita de Cristo a esse lugar. Mais tarde, percebemos como era difundida – na Índia, em Ladakh e na Ásia Central – a história da visita de Cristo a essas regiões durante sua longa ausência, citada no Evangelho.”³

Respondendo aos críticos que defendiam ser a história de Notovitch uma invenção, Roerich escreve: “Sempre há os que adoram negar desdenhosamente quando algo difícil entra na sua consciência. (...) [Mas] de que modo poderia uma invenção recente penetrar na consciência de todo o Oriente?”⁴

Roerich observa: “As pessoas dessas localidades nada sabem da publicação de um livro [isto é, o livro de Notovitch], mas conhecem a história e falam de Issa com profunda reverência”.⁵

O relato dos Evangelhos sobre os primeiros anos da vida de Jesus termina aos 12 anos de idade, na sua discussão com os sacerdotes no templo de Jerusalém. Conforme os manuscritos tibetanos, não foi muito depois disso que Jesus deixou sua casa a fim de evitar os planos para seu noivado, à medida que alcançava a maturidade – o que

¹ Swami Abhedananda (1866-1939) foi vice-presidente da *Ramakrishna Math and Mission* de 1921 a 1924. Ele tinha viajado pela América ensinando *Vedanta* de 1897 a 1921. Lá estando, havia lido o livro de Notovitch e em 1922 visitou o Mosteiro Himis. Com o auxílio de um dos lamas, fez sua própria tradução de alguns dos versículos tibetanos sobre Issa, publicando-os em bengali no ano de 1929. A tradução inglesa, *Journey into Kashmir and Tibet*, foi publicada pela *Ramakrishna Vedanta Math*, Calcutá, em 1987. (Nota da Editora)

² Nicholas Roerich (1874-1947), renomado artista, explorador e arqueólogo, nasceu em São Petersburgo, Rússia. De 1923 a 1928, liderou a Expedição Asiática Central através da Índia, Tibete, Siquim, Turquestão Chinês e Altai na Mongólia. Reportagens acerca da expedição, que mencionaram a narrativa de Roerich sobre a evidência da viagem de Jesus à Índia, foram publicadas no *New York Times* em 27 de maio de 1926, bem como em outros jornais e revistas.

³ Roerich, *Heart of Asia* (Nova York; Roerich Museum Press, 1929).

⁴ Roerich, *Altai-Himalaya* (Nova York, Frederick A. Stokes Co., 1929).

⁵ Roerich, *Altai-Himalaya*.

correspondia aos 13 anos de idade para um menino israelita daquela época. Certamente Jesus estava acima do modelo comum do matrimônio. De que serviriam o amor humano e os laços familiares para aquele que possuía o ardor supremo por Deus e um amor universal que abarcava todos os seres humanos? O mundo nos incita a uma conformidade com seu curso trivial e pouco sabe avaliar os que trilham um caminho mais elevado em resposta à vontade de Deus. Jesus conhecia seu destino divino e foi para a Índia a fim de preparar-se para cumpri-lo.

A Índia é mãe da religião. Sua civilização foi reconhecida como muito mais antiga do que a legendaria civilização egípcia. Ao estudarmos essa questão, vemos como as antigas escrituras da Índia, antecedendo todas as demais revelações, influenciaram o egípcio Livro dos Mortos, o Antigo e o Novo Testamentos da Bíblia, assim como outras religiões. Todas entraram em contato com a religião da Índia, e dela muito auferiram, pois a Índia especializou-se na religião desde tempos imemoriais.⁶ E assim foi que o próprio Jesus viajou à Índia. O

⁶ Ver também nota de rodapé n. 9 na pág. xxvi. “Com base na arqueologia, na fotografia por satélite, na metalurgia e na matemática antiga, fica agora claro que existiu uma grande civilização – talvez uma eminente civilização espiritual – antes do surgimento do Egito, da Suméria e do Vale do Indo. A sede desse mundo antigo era a região localizada entre o Indo e o Ganges – a terra dos arianos védicos”, afirmam N. S. Rajaran e David Frawley, O.M.D., em *Vedic Aryans and the Origins of Civilization* (Nova Delhi, *Voice of India*, 1997).

As escrituras da Índia “são a mais antiga filosofia e psicologia de nossa raça a subsistir”, afirma o renomado historiador Will Durant em *Our Oriental Heritage* (*The Story of Civilization*, Part I) [A história da civilização (2º Volume: Nossa herança oriental)], Ed. Record]. Robert C. Priddy, professor de História da Filosofia na Universidade de Oslo, escreveu em *On India's Ancient Past* (1999): “O passado da Índia é tão antigo e de tal forma influenciou o surgimento da civilização e da religião, pelo menos para quase todos os povos do Velho Mundo, que a maioria pode afirmar que ele constitui, com efeito, os primórdios de nossa própria odisseia. (...) A mãe da religião, com os primeiros ensinamentos espirituais do mundo pela tradição védica, contém a mais sublime e abrangente das filosofias.”

Em sua obra de dois volumes *India and World Civilization* (Michigan State University Press, 1969), o historiador D. P. Singhal reúne documentação abundante acerca da nutrição espiritual concedida pela Índia ao mundo antigo. Ele descreve a descoberta de um vaso, em escavações próximas a Bagdá, que levou os pesquisadores à conclusão de que “em meados do terceiro milênio a.C., um culto indiano já era praticado na Mesopotâmia. (...) Assim, a Arqueologia demonstrou que, dois mil anos antes das primeiras referências em textos cuneiformes a algum contato com a Índia, ela já enviava seus produtos manufaturados à terra onde estão as raízes da civilização ocidental.”

A influência espiritual da Índia estendeu-se não apenas para oeste, mas também

Viagem de Jesus à Índia, o berço da religião

manuscrito de Notovitch nos diz: “Issa ausentou-se secretamente da casa de seu pai; deixou Jerusalém e, numa caravana de mercadores, viajou para o Sindh, com o objetivo de aperfeiçoar-se no conhecimento da Palavra de Deus e no estudo das leis dos grandes budas.”⁷

para leste. “A Índia conquistou e dominou a China por vinte séculos, sem jamais enviar um único soldado através de suas fronteiras”, observou Dr. Hu Shih, antigo reitor da Universidade de Beijing e embaixador da China nos Estados Unidos. E o Professor Lyn Yutang, famoso filólogo e autor chinês, nos diz em *The Wisdom of India* (Nova York, Random House, 1942): “A Índia foi mestra da China em religião e literatura imaginativa, e mestra mundial em filosofia. (...) A Índia é uma nação que transborda religião e espírito religioso. Um pequeno fluxo do espírito religioso indiano transbordou para a China e acabou por inundar toda a Ásia Oriental.”

As elevadas civilizações das Américas, do mesmo modo, mostram claros indícios da influência indiana. “Nos tempos antigos, nenhuma civilização difundiu-se mais amplamente do que a da Índia”, escreve Professor Singhal. “E assim, ocupando uma posição central nas culturas do mundo, a Índia contribuiu enormemente para a civilização humana. O contato da Índia com o mundo ocidental remonta aos tempos pré-históricos.” Ele prossegue, citando o ilustre cientista e explorador Barão Alexander Von Humboldt, fundador do estudo sistemático das antigas culturas da América, que estava convicto da origem asiática das avançadas civilizações pré-colombianas do Novo Mundo: “Se os idiomas fornecem apenas frágil evidência de uma antiga comunicação entre os dois mundos, sua comunicação é plenamente comprovada pelas cosmogonias, os monumentos, os caracteres hieroglíficos e as instituições dos povos da América e da Ásia.”

“Os traços da influência hindu e budista no México (...) correspondem precisamente em espécie aos elementos culturais que foram introduzidos pelos monges budistas e sacerdotes hindus no sudeste da Ásia”, observa Dr. Singhal, e cita a conclusão do Professor Robert Heine-Geldern em *The Civilizations of the Americas*: “Temos poucas dúvidas de que uma análise comparativa sensata e sem preconceitos das religiões mexicanas revelará muitos traços de antigas influências do Hinduísmo ou do Budismo, ou mesmo de ambos (...) a tal ponto – tanto de modo geral quanto em detalhes específicos – que a suposição de existir uma relação histórica torna-se quase inevitável.” (Nota da Editora)

⁷ Compare-se com a tradução deste versículo tibetano por Swami Abhedananda: “Neste momento, o seu grande desejo era alcançar a completa percepção da divindade e aprender religião aos pés daqueles que se aperfeiçoaram por meio da meditação” (*Journey into Kashmir and Tibet*).

Em *The Lost Years of Jesus Revealed*, o Rev. Dr. Charles Francis Potter (Greenwich, Conn.: Fawcett, 1962) observa: “Muitos hindus acreditam que os ‘anos desconhecidos’ de Jesus foram, pelo menos em parte, passados na Índia, adquirindo dos Vedas muitos de seus melhores ensinamentos. Acaso não disse ele: ‘Tomai sobre vós minha *yoga* e aprendei de mim (...) porque minha *yoga* é suave?’ As palavras *yoga* e *jugo* são pronunciadas como um monossílabo tendo a vogal final muda, e ambas são a mesma palavra, *zeugos*, em grego.” [E, em sânscrito, o significado genérico de *yoga* é “jugo” (a Editora).]

Dr. Potter prossegue: “Fantástico como possa parecer a um americano, o pensamento de qualquer conexão entre os ensinamentos de Jesus e a Índia torna-se menos

Os antigos manuscritos dizem que Jesus passou seis anos em várias cidades sagradas, residindo por algum tempo em Jagannath, um local de peregrinação sagrado em Puri, Orissa.⁸ Lá, o famoso templo que existiu em variadas formas desde épocas antigas é dedicado a Jagannath, “Senhor do Universo” – um título associado à consciência universal de Bhagavan Krishna. O nome pelo qual Jesus é identificado nos manuscritos tibetanos é Isa (“Senhor”), expresso por Notovitch como Issa.⁹ *Isa* (*Isha*) ou, por extensão, *Ishvara*, define Deus como o

extravagante não apenas pelos pergaminhos das cavernas de Qumran [os chamados pergaminhos do Mar Morto], mas especialmente pelo novo achado de muitos livros cristãos gnósticos [em Nag Hammadi] no Egito. (...) A primeira parte (e várias outras partes) do Evangelho de João – ‘No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus (...)’ – é puro gnosticismo. O misticismo gnóstico chegara aos judeus, vindo do Oriente, da Índia, Pérsia e Babilônia; o gnosticismo tinha atraído os judeus durante o cativeiro deles na Babilônia, e eles o trouxeram consigo no retorno à sua terra.

“Para que não subestimemos o gnosticismo pelo fato de seus termos, símbolos e vocabulário diferirem muito dos nossos, deve-se esclarecer que o gnosticismo representou o cristianismo egípcio durante os duzentos anos em que os líderes da nova fé elaboraram sua teologia. Ele foi gradualmente banido pelo cristianismo católico ortodoxo, e seus livros foram queimados. Do mesmo modo, o essenismo era a forma original do cristianismo palestino. (...) Em Qumran e em Chenoboskion [Nag Hammadi], ficaram escondidas durante séculos as grandes bibliotecas dessas formas primitivas do cristianismo, que agora, de modo tão súbito e dramático, nos foram restituídas. O essenismo e o gnosticismo eram muito semelhantes: se restar dúvida, leia-se o Evangelho canônico de João, especialmente o primeiro capítulo, onde se encontram o essenismo e o gnosticismo, mesclados e sublimados no cristianismo que nos é mais familiar.” (Nota da Editora)

⁸ Registros dos anos de Jesus na Índia foram preservados em Puri, de acordo com sua Santidade Sri Jagadguru Shankaracharya Bharati Krishna Tirtha, líder espiritual do antigo monastério Gowardhan daquela cidade e, até seu falecimento em 1962, superior dos *Shankaracharyas* (líderes eclesiais do Hinduísmo ortodoxo; sucessores apostólicos de Swami Shankara, antigo reorganizador da venerável Ordem dos *Suamis*). Em 1958, Sua Santidade visitou os Estados Unidos proferindo palestras nas principais universidades; sua histórica excursão – a primeira vez que um *Shankaracharya* viajou para o Ocidente – foi patrocinada pela *Self-Realization Fellowship*. Sri Daya Mata, presidente e líder espiritual da *Self-Realization Fellowship*, escreveu: “Em minhas conversas com Sua Santidade durante visitas a ele na Índia, disse-me que há provas positivas, às quais ele teve acesso, de que, como declarou Paramahansaji, Jesus Cristo esteve na Índia quando jovem e recebeu treinamento em monastérios de lá. Shankaracharya também me contou que ele esperava, com a graça de Deus, traduzir esses documentos e escrever um livro sobre aquele período da vida de Jesus. Infelizmente, isso não pôde ser realizado devido à idade avançada e saúde frágil desse santo *Shankaracharya*.” (Nota da Editora)

⁹ Notovitch registrou que os manuscritos que ele viu no mosteiro de Himis, em Ladakh, eram uma tradução para o idioma tibetano do original guardado em um

Senhor Supremo ou Criador imanente em Sua criação e transcendente a ela.¹⁰ Este é o verdadeiro caráter da consciência universal de Cristo/Krishna, *Kutastha Chaitanya*, encarnada em Jesus, Krishna e outras almas unidas a Deus, que desfrutam de unidade com a onipresença do Senhor. É minha convicção que o título *Isa* foi conferido a Jesus, por ocasião de seu nascimento, pelos Sábios da Índia que vieram honrar sua vinda à Terra. No Novo Testamento, os discípulos de Jesus referem-se comumente a ele como “Senhor”.¹¹

A história antiga relata que Jesus tornou-se versado em todos os Vedas e *shastras*. Mas ele discordou de alguns preceitos da ortodoxia brãmãne. Denunciou abertamente suas práticas de intolerância de castas, muitos dos rituais sacerdotais e a ênfase na adoração de vários deuses em forma de ídolos em vez da reverência exclusiva ao Espírito Supremo único, a pura essência monoteísta do Hinduísmo, que havia sido obscurecida por conceitos ritualistas externos.

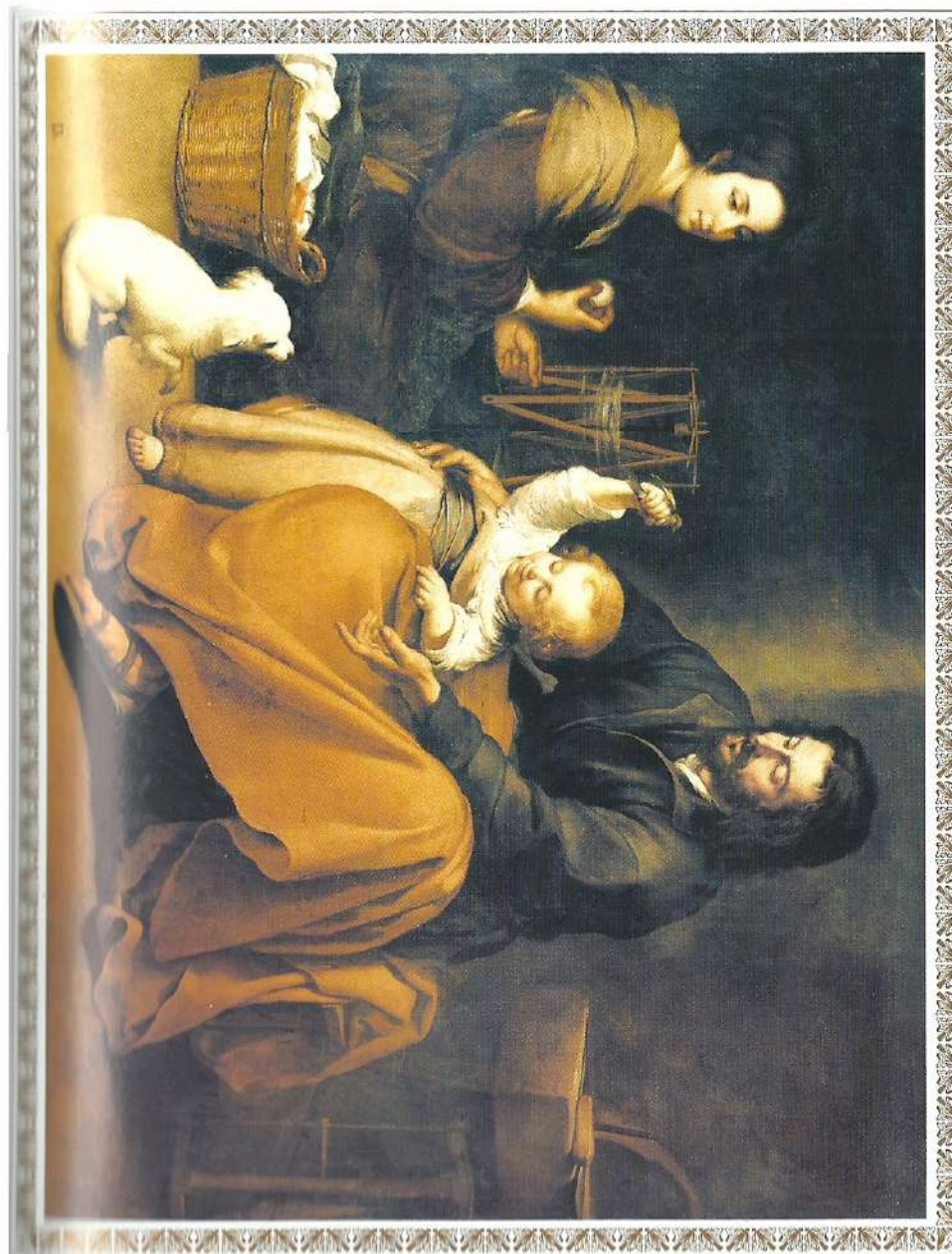
Afastando-se de tais contendas, Jesus deixou Puri. Ele passou os seis anos seguintes com a seita budista *Sakya* nas regiões montanhosas do Himalaia, no Nepal e Tibete. Essa seita do budismo era monoteísta

monastério perto de Lhasa, que foi escrito no idioma páli. Em páli (e em sânscrito), *Isa* (pronunciado *i-xa*) significa “senhor, proprietário, soberano” – como na palavra relacionada *Issara* (versão páli do sânscrito *Ishvara*). *Issa*, por outro lado, significa “inveja, ira, má vontade” em páli – obviamente não o significado pretendido pelos escribas budistas que compuseram os pergaminhos. (Nota da Editora)

¹⁰ Ver também Discurso 21, nota de rodapé na pág. 387.

¹¹ O nome de Jesus é pronunciado e soletrado de diferentes modos em vários idiomas, mas tem o mesmo significado. No Alcorão (escrito em árabe), o nome utilizado para Jesus é *Isa* ou *Issa* – assim como nos textos tibetanos descobertos por Notovitch. Apenas através de mudanças feitas por aqueles que falavam os idiomas de muitas terras é que seu nome veio a ser pronunciado Jesus. Esta palavra em inglês é relativamente moderna; antes do século 16 não se escrevia com “J” mas com “I”, como em latim e grego (Iêsous).

O relato bíblico apresentado nos Evangelhos de Lucas e Mateus (ver Discurso 2) narra que Maria e José receberam instruções de um anjo no sentido de que a criança divina deveria se chamar Yeshua, “salvador” (em grego, Iêsous; em inglês, Jesus): “(...) e chamarás o seu nome Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados” (Mateus 1:21). A palavra hebraica *Yeshua* é uma contração de *Yehoshua*, “Yahweh (Javé, o Criador) é salvação”. Entretanto, o idioma de uso diário para Jesus e seus companheiros galileus não era o hebraico, mas o dialeto aramaico, no qual o seu nome teria sido pronunciado “Eshu”. Assim, curiosamente, o nome profetizado para Jesus pelo anjo, e dado a ele por sua família, era notavelmente semelhante ao antigo nome sânscrito conferido pelos Sábios do Oriente. Além das semelhanças fonéticas, há uma unidade subjacente de significado das palavras *Isha* e *Yeshua* – os dois títulos concedidos àquele venerado por milhões como “Senhor e Salvador”. (Nota da Editora)



e havia se separado do Hinduísmo corrompido que prevaleceu durante a era obscura de *Kali Yuga*.¹²

Embora verdadeiros mestres com realização divina tenham surgido na Índia em todas as eras, preservando de geração a geração as verdades eternas do Espírito (*Sanatana Dharma*), as práticas religiosas externas das multidões passaram por ciclos de progresso e decadência, como sucedeu igualmente às religiões de outras terras e culturas. De acordo com meu guru, Swami Sri Yukteswar, as mais recentes Idades das Trevas (*Kali Yuga*) descendente e ascendente se estenderam aproximadamente de 700 a.C. a 1700 d.C. Na Índia, esse período assistiu à gradual perversão e perda da sublime ciência espiritual dos Vedas e dos *Upanishads*, com a resultante adesão sacerdotal a vários preceitos mal compreendidos, erroneamente considerados como ensinamentos das escrituras. Foi durante esse tempo de obscuridade espiritual que o avatar Gautama Buda se encarnou na Índia (c. 563 a.C.), para corrigir alguns dos grandes abusos da verdade perpetrados por autoridades sacerdotais. Sua mensagem de compaixão por todas as criaturas e seu Nobre Caminho Óctuplo ensinaram como evitar o sofrimento e libertar-se da roda cármica de nascimentos e mortes.¹³

Os pergaminhos tibetanos relatam que enquanto esteve entre os budistas Jesus dedicou-se ao estudo de seus livros sagrados e podia discorrer perfeitamente sobre eles. Aparentemente por volta da idade de 26 ou 28 anos, ele pregou sua mensagem no estrangeiro enquanto se dirigia de volta a Israel através da Pérsia e de países adjacentes,

¹² Os *yugas*, ou ciclos da civilização do mundo, serão explicados no Discurso 39, vol. II.

¹³ Com a passagem do tempo, as doutrinas de Buda também foram vítimas da compreensão limitada prevalente na *Kali Yuga*; os seus ensinamentos se degeneraram numa filosofia nihilista: o estado de *nirvana*, ou cessação da existência dualística, foi mal interpretado como extinção do eu. Entretanto, Buda referia-se à extinção do ego iludido, ou pseudo-eu; o pequeno eu deve ser superado para que o Eu eterno, real, possa alcançar libertação das encarnações humanas. Essa deturpação da doutrina de Buda, com sua ênfase em um estado negativo de não existência (extinção) foi posteriormente suplantada na Índia pela doutrina de Swami Shankara, fundador da venerável Ordem monástica dos *Swamis*, que ensinou ser o objetivo da vida a obtenção positiva de um estado de união com o Espírito – um estado sempre-existente, sempre-consciente e eternamente renovado de bem-aventurança.

O menino Jesus com Maria e José

Aquele que conhece Deus lembra-se sempre que o Pai-Mãe-Criador Celestial é o verdadeiro Progenitor das almas e dos corpos de todos. (...) O espírito de maternidade deveria ser reverenciado como uma expressão do amor incondicional de Deus, assim como também cabe honrar a figura paterna como imagem da sábia proteção do Pai Celestial. A devoção aos pais é, portanto, uma parte da devoção a Deus, a qual consiste primeiramente e acima de tudo em amor filial pelo Progenitor que está por trás daqueles que, em nossa família, zelam por nós – o Divino Pai-Mãe que delegou aos pais a responsabilidade de educar a criança. Quando o coração está divinamente sintonizado, relacionamentos humanos próximos são oportunidades para sorver o infinito amor de Deus das taças de muitos corações.

Paramahansa Yogananda

*Ciclos de progresso e
decadência na
manifestação
exterior da religião*

encontrando fama entre a população e hostilidade por parte das classes sacerdotais do zoroastrismo e outras.

Isso não significa que Jesus tenha aprendido tudo o que ensinou de seus mentores espirituais e daqueles com quem se associou na Índia e regiões vizinhas. Os avatares já vêm com seu cabedal de sabedoria. O tesouro de realização divina de Jesus foi meramente reavivado e moldado de forma a adequar-se à sua missão singular, durante sua permanência entre os sábios hindus, monges budistas e particularmente os grandes mestres da *yoga*, de quem recebeu iniciação na ciência esotérica da união divina por meio da meditação. Do conhecimento que acumulara e da sabedoria que brotara de sua própria alma em meditação profunda, ele destilou para as multidões parábolas simples acerca dos princípios ideais pelos quais se deve dirigir a vida aos olhos de Deus. Todavia, ele ensinou os mistérios mais profundos aos discípulos mais próximos, que estavam prontos para recebê-los, como está evidenciado no livro do Apocalipse de São João, no Novo Testamento, cuja simbologia tem correspondência exata com a ciência iogue da realização divina.

A grande importância das crônicas descobertas por Notovitch é que elas fornecem evidência conclusiva de que os anos desconhecidos

Todas as crônicas sobre a vida de Jesus foram tingidas pela perspectiva cultural de seus autores

da vida de Jesus foram passados na Índia. Mas elas também trazem consigo, como seria de esperar, o caráter peculiar de seus autores. Os documentos originais supostamente foram escritos em grafia páli poucos anos depois da morte de Jesus. Esse era o idioma dos budistas daquela época. Quando relatos chegaram à Índia, trazidos por comerciantes de Jerusalém, sobre a morte ignóbil de Isa – o santo que havia recebido tanta consideração reverente por parte de membros dessas comunidades durante o período em que permanecera em seu meio –, estes começaram a registrar sua história como uma parte de seus anais sagrados. A perspectiva budista é naturalmente bastante clara em seus relatos.

Se o próprio Jesus tivesse escrito a história de sua vida e o cerne de seus ensinamentos, estes teriam sido expressos de modo significativamente diverso do que conhecemos até hoje. Apesar dos melhores esforços daqueles que relataram e registraram os eventos da vida de Jesus, a visão de cada narrador foi necessariamente influenciada, em alguma medida, por seu próprio contexto – fosse de um judeu,

gnóstico, grego, romano, budista, zoroastrista ou de outro credo religioso ou tendência cultural – sem falar das adicionais distorções na tradução de um idioma a outro, às vezes passando por diversas mudanças.

Os manuscritos publicados por Notovitch, por exemplo, foram originalmente escritos em páli, tendo sido reunidos a partir de testemunhas oculares ou dos relatos de pessoas com diferentes formações linguísticas e regionais, traduzidos depois para o páli. Os manuscritos, então, seguiram da Índia para o Nepal e de lá para Lhasa, no Tibete, onde foram traduzidos para o tibetano e por fim copiados para vários monastérios importantes. Notovitch, um russo, copiou as páginas tibetanas com a ajuda de um tradutor e, finalmente, publicou-as em francês, e esta edição foi posteriormente traduzida e publicada em inglês.

Ainda assim, o valor global desses registros é inestimável numa pesquisa sobre o Jesus histórico. Há dois modos de conhecer um avatar. Primeiro, vislumbrando sua essência que brilha através de uma miscelânea de fatos, lendas, distorções inocentes ou propositais; e, por um exame cuidadoso, distinguindo o que é significativo e o que é irrelevante, assim como uma pessoa é reconhecida pelo que ela é, e não por seu vestuário. E, segundo, conhecendo diretamente um mestre por meio da comunhão divina intuitiva com essa alma – assim como muitos conheceram Jesus Cristo ao longo dos séculos, tal como São Francisco de Assis, a quem Jesus aparecia todas as noites em carne e osso, Santa Teresa d'Ávila e muitos outros da religião cristã; e tal como Sri Ramakrishna, um hindu, e também eu, estivemos muitas vezes na presença tangível de Jesus. Jamais teria eu assumido a tarefa de escrever este livro sem a certeza do conhecimento pessoal desse Cristo.

Os documentos descobertos por Notovitch concedem apoio histórico à minha afirmativa, compilada em meus primeiros anos na Índia e que venho sustentando há longo tempo, de que Jesus estava vinculado aos *rishis* indianos por meio dos magos (sábios) que visitaram seu local de nascimento, e ao encontro dos quais ele foi à Índia, a fim de receber suas bênçãos e com eles conferenciar a respeito de sua missão mundial. O que procurarei tornar evidente nas páginas deste livro é que seus ensinamentos, interiormente oriundos de sua realização divina e exteriormente nutridos por seus estudos com os mestres,

expressam a universalidade da Consciência Crística que não conhece fronteiras de raça ou credo.

Tal como o sol, que nasce no Oriente e viaja para o Ocidente difundindo seus raios, também Cristo surgiu no Oriente e veio ao

Os ensinamentos do Jesus oriental foram demasiadamente ocidentalizados

Ocidente para ser consagrado em uma vasta cristandade, cujos membros o consideram seu guru e salvador. Não foi uma casualidade que Jesus tenha preferido nascer um Cristo oriental na Palestina. Esse local era o eixo ligando o Oriente com a Europa. Ele viajou à Índia para honrar seu vínculo

com os *rishis* indianos, pregou sua mensagem por toda aquela região e então voltou para difundir seus ensinamentos na Palestina – que, em sua grande sabedoria, ele percebia como a porta de entrada pela qual seu espírito e suas palavras teriam acesso à Europa e ao restante do mundo. Esse grande Cristo, irradiando a força e o poder espiritual do Oriente ao Ocidente, é um elo divino a unir os povos que amam a Deus – orientais e ocidentais.

A verdade não é monopólio do Oriente ou do Ocidente. Os puros raios prateados e dourados da luz solar parecem vermelhos ou azuis quando observados através de vidros vermelhos ou azuis. Assim, também, a verdade apenas parece ser diferente quando colorida por uma civilização oriental ou ocidental. Considerando-se a simples essência da verdade expressa pelos grandes mestres de diversas épocas e latitudes, encontram-se diferenças muito pequenas em suas mensagens. O que recebi de meu Guru e dos venerados mestres da Índia, percebo ser o mesmo que recebi dos ensinamentos de Jesus, o Cristo.

Divirto-me quando meus irmãos ocidentais perguntam: “Você crê em Cristo?” Sempre respondo: “Jesus, o Cristo” – Jesus, o divino filho do homem em quem estava manifestada a Consciência Crística, o Filho de Deus. Muito mais do que meramente acreditar nele – eu o conheço.

Cristo foi muito mal interpretado pelo mundo. Mesmo os princípios mais elementares de seus ensinamentos foram deturpados, e suas profundidades esotéricas, esquecidas. Foram crucificados nas mãos dos dogmas, dos preconceitos e do entendimento restrito. Guerras de genocídio foram travadas e pessoas queimadas como bruxas ou hereges, sob uma presumida autoridade de doutrinas cristãs fabricadas pelo homem. Como resgatar das mãos da ignorância os ensinamentos imortais? Precisamos conhecer Jesus como um Cristo oriental, um

supremo iogue que manifestou pleno domínio sobre a ciência universal da união divina e pôde assim falar e agir como um salvador, com a voz e autoridade de Deus. Ele foi excessivamente ocidentalizado.¹⁴

Jesus foi um oriental – de nascimento, família e educação. Separar um mestre do contexto de sua nacionalidade significa nublur o entendimento por meio do qual ele é percebido. Independentemente do que Jesus Cristo era em sua própria alma, ele nasceu e se desenvolveu no Oriente; e, assim, teve de utilizar os meios da civilização, das

¹⁴ Com a notável descoberta de antigos textos gnósticos cristãos em Nag Hammadi, no Egito, em 1945, pode-se vislumbrar parte do que foi perdido pelo Cristianismo tradicional durante esse processo de “ocidentalização”. Elaine Pagels, Ph.D., escreve em *The Gnostic Gospels* (Nova York: Vintage Books, 1981) [*Os evangelhos gnósticos* (Ed. Objetiva)]: “Os textos de Nag Hammadi, e outros semelhantes a eles, que circularam no início da Era Cristã, foram denunciados como heréticos por cristãos ortodoxos em meados do século II. (...) O fato é, porém, que aqueles que escreviam e distribuíam esses textos não se consideravam *eles mesmos* ‘hereges’. A maioria desses autores utiliza terminologia cristã, inconfundivelmente associada a uma herança judaica. Muitos afirmam apresentar tradições a respeito de Jesus que são secretas, ocultas dos ‘muitos’ que constituíram o que no século II passou a ser chamado de ‘igreja católica’. Esses cristãos são hoje chamados gnósticos, da palavra grega *gnosis*, geralmente traduzida por ‘conhecimento’. Assim como aqueles que afirmam nada saber acerca da realidade absoluta são chamados agnósticos (literalmente, ‘não conhecedores’), o indivíduo que afirma saber tais coisas é chamado gnóstico (‘conhecedor’). Mas a *gnose* não é primordialmente um conhecimento racional. (...) Da maneira como os gnósticos usam o termo, poderíamos traduzi-lo por percepção interior, pois a *gnose* envolve um processo intuitivo de conhecer a si mesmo. (...) [De acordo com os mestres gnósticos,] conhecer-se no nível mais profundo é simultaneamente conhecer Deus; esse é o segredo da *gnose*. (...)”

“O ‘Jesus vivo’ que aparece nesses textos fala em ilusão e iluminação, não em pecado e arrependimento, como o Jesus do Novo Testamento. Em vez de ter vindo para nos salvar do pecado, ele veio como um guia que abre acesso para o entendimento espiritual. (...)”

“Os cristãos ortodoxos acreditam que Jesus é o Senhor e o Filho de Deus de uma maneira única e singular; ele permanece eternamente distinto do resto da humanidade que veio salvar. No entanto, o gnóstico *Evangelho de Tomé* narra que tão logo Tomé o reconhece, Jesus diz a ele que ambos receberam o seu ser, ou existência, da mesma fonte: ‘Já não sou teu Mestre, porque bebestes da fonte borbulhante que te ofereci, e te inebriaste. (...) Aquele que beber de minha boca se tornará como eu, e eu mesmo me tornarei como ele, e as coisas ocultas lhe serão reveladas.’

“Tais ensinamentos – a identidade do divino e do humano, a preocupação com a ilusão e a iluminação, o fundador que é apresentado não como Senhor, mas como um guia espiritual – não soam mais orientais que ocidentais? (...) Teriam as tradições hindu e budista influenciado o gnosticismo? (...) No século I, ideias que nós associamos às religiões do Oriente surgiram no Ocidente por intermédio do movimento gnóstico, mas foram suprimidas e condenadas por polemistas como Irineu.” (*Nota da Editora*)

peculiaridades, dos costumes, da linguagem e das parábolas orientais para difundir sua mensagem. Portanto, a fim de compreender Jesus Cristo e seus ensinamentos, é preciso ter receptividade quanto à visão oriental – particularmente no que se refere à antiga e presente civilização da Índia, suas escrituras religiosas, tradições, filosofia, crenças espirituais e experiências metafísicas intuitivas. Embora, compreendidos esotericamente, os ensinamentos de Jesus sejam universais, eles estão impregnados da essência da cultura oriental – enraizados em influências orientais que foram adaptadas ao ambiente ocidental.

Os Evangelhos podem ser corretamente compreendidos à luz dos ensinamentos da Índia – não as interpretações distorcidas do Hinduísmo, com a opressão de castas e a idolatria, mas a sabedoria filosófica, espiritualmente libertadora, de seus *rishis*: o cerne, e não o invólucro exterior, dos Vedas, dos *Upanishads* e do *Bhagavad Gita*. Esta essência da Verdade – o *Sanatana Dharma*, ou princípios eternos da retidão que sustentam o homem e o universo – foi conferida ao mundo milhares de anos antes da era cristã e preservada na Índia com uma vitalidade espiritual que fez da busca de Deus a quintessência da vida, e não um entretenimento teórico.

Apesar das superstições sem sentido e do provincianismo lamentável no pensamento religioso que se incrustaram no Hinduísmo e no Cristianismo através dos séculos, cada um deles fez um bem imensurável para a humanidade – trazendo paz, felicidade e consolo para milhões de almas sofredoras; ambos inspiraram as pessoas a fazer um esforço espiritual mais elevado e conferiram salvação a muitos.

Meu empenho está em restaurar uma visão adequada do Cristianismo como o conjunto dos ensinamentos de Jesus – separando-os,

Cristianismo oriental e ocidental: os ensinamentos internos e externos

sem qualquer preconceito ou parcialidade, das adaptações ocidentais dos dogmas e das crenças sectárias que podem ser chamadas com mais precisão de “igrejismo”, com seus vários defeitos e também méritos. Para compreender o Cristianismo – isto é, os ensinamentos puros de Jesus – é preciso

primeiro retirar sua crosta ocidental e depois sua crosta oriental. Por detrás dos dois invólucros opacos reside a universalidade do verdadeiro Cristianismo.

O Cristianismo ocidental é a crosta externa, e o Cristianismo oriental é a crosta interna. O Cristo oriental sempre enfatizou: “Não andeis pois inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos,

ou com que nos vestiremos? (Porque todas estas coisas os gentios procuram.) De certo vosso Pai Celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas; mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” A proposta do cristão ocidental é, ao contrário: “Dai atenção primeiro ao corpo, para que, num templo corporal saudável, possais encontrar Deus. Buscai em primeiro lugar o pão, homens do mundo, e depois buscai o reino de Deus.”

No clima quente do Oriente, em antigas eras, “pão”, roupa e abrigo eram mais simples e conseguidos sem muito esforço; assim, havia mais liberdade para meditar em Deus nos períodos livres e na solidão. No Ocidente, porém, com seu padrão artificialmente elevado de vida, é preciso pensar e trabalhar para suprir essas necessidades materiais – árdua e rapidamente, e com sucesso – ou não se terá tempo algum, nem energia, para buscar o reino de Deus.

Os ensinamentos universais de Jesus Cristo deveriam ser criteriosamente adaptados de acordo com as respectivas necessidades dos orientais e dos ocidentais – enfatizando os princípios da religião cristã e omitindo as formas não essenciais que lhes foram acrescentadas ao longo dos tempos. Todavia, deve-se ter o grande cuidado de incorporar o Cristianismo vivo, essencial, ao transferi-lo da atmosfera oriental para o ambiente ocidental. Caso contrário aconteceria, como dizem alguns médicos, que “a operação foi um sucesso”... mas o paciente morreu pacificamente na mesa de cirurgia! Nenhuma diferença deveria ser feita entre os métodos religiosos ocidentais de salvação e a técnica oriental de salvação. A única distinção a fazer é entre os verdadeiros princípios de Cristo e as crenças limitadas pelos dogmas.

O Cristianismo oriental consideraria as práticas exotéricas de frequentar a igreja e proferir sermões, bem como o estudo teológico das escrituras, como sendo um exercício espiritual de jardim de infância. Seu propósito seria enfatizar e apoiar a necessidade de um teste de “nível universitário” das crenças religiosas, no laboratório da meditação esotérica científica, sob a direção de um guia Autorrealizado que, por meio de um profundo esforço espiritual, tenha encontrado Deus à luz de sua própria percepção intuitiva da alma. Embora o Cristianismo ocidental tenha evitado que sua civilização decaísse por completo no ateísmo e na imoralidade, ele fez relativamente pouco para despertar o anseio e a fé na possibilidade de atingir a experiência metafísica pessoal de Deus a partir de um esforço próprio de meditação científica.

Os serviços religiosos da comunidade ocidental são maravilhosos quando direcionam a mente para Deus e para a verdade, mas são insuficientes se lhes falta a prática da meditação e o conhecimento dos métodos para a autêntica comunhão com Deus. Por outro lado, o Oriente enfatiza a experiência direta e pessoal de Deus, mas deixa a desejar em termos de organização e de obras sociais filantrópicas. Para compreender a doutrina de Jesus Cristo é necessário combinar eficiência organizacional e obras sociais filantrópicas com a experiência pessoal dos ensinamentos de Cristo por meio do estudo metafísico e do autêntico contato com Deus no templo da meditação. Assim, cada um poderá, por si mesmo, compreender o que o Jesus Cristo foi e é, através da experiência intuitiva e pessoal de seus ensinamentos.

A verdade, em si mesma e por si só, é a “religião” definitiva. Embora a verdade possa expressar-se de diferentes maneiras por meio de “ismos” sectários, estes não podem jamais exauri-la. Ela tem infinitas manifestações e ramificações, mas uma só consumação: a experiência direta de Deus, a Realidade Única.

A verdade é a
religião definitiva:
afiliação sectária tem
pouco significado

Os rótulos humanos de afiliação sectária têm pouco significado. O que nos confere salvação não é a seita religiosa em que tenhamos nosso nome registrado, nem a cultura ou credo em que nascemos. A essência da verdade transcende toda forma exterior. Essa essência é o fator supremo para compreendermos Jesus e seu chamado universal às almas, para que entrem no reino de Deus que está “dentro de vós”.

A grande mensagem de Jesus Cristo vive e prospera no Oriente e no Ocidente. O Ocidente concentrou-se em aperfeiçoar as condições físicas do homem, e o Oriente em desenvolver suas potencialidades espirituais. Ambos, Oriente e Ocidente, são unilaterais. Na verdade, o Oriente não é suficientemente prático; mas o Ocidente é prático demais para ser espiritualmente prático! É por isso que advogo uma união harmoniosa dos dois; eles precisam um do outro. Sem idealismo espiritual, o pragmatismo materialista é o precursor do egoísmo, do pecado, da competição e das guerras. Esta é uma lição para o Ocidente aprender. E a menos que o idealismo seja temperado com um caráter prático, haverá confusão, sofrimento e ausência de progresso natural. Esta é a lição a ser aprendida pelo Oriente.

O Oriente pode aprender com o Ocidente, e o Ocidente pode aprender com o Oriente. Não é estranho que, talvez devido ao plano

secreto de Deus, uma vez que o Oriente necessita de desenvolvimento material, ele tenha sido invadido pela civilização material do Ocidente? E uma vez que está necessitado de equilíbrio espiritual, o Ocidente vem sendo silenciosa mas seguramente “invadido” pela filosofia hindu – não para conquistar terras, mas almas, com o poder libertador da realização divina.¹⁵

Todos somos filhos de Deus, desde nossa origem até a eternidade. As diferenças surgem de preconceitos, e o preconceito é fruto da ignorância. Não devemos nos identificar orgulhosamente como americanos, indianos, italianos, ou qualquer outra nacionalidade, pois isso é apenas um acidente de nascimento. Acima de tudo, devemos nos orgulhar de sermos filhos de Deus, feitos à Sua imagem. Não é essa a mensagem de Cristo?

Jesus, o Cristo, é um excelente modelo a ser seguido tanto pelo Oriente quanto pelo Ocidente. O divino selo “filho de Deus” está oculto em cada alma. Jesus citou as escrituras: “Sois deuses”.¹⁶ Retirem as máscaras! Revelem-se como filhos de Deus – não por meio de proclamações vãs e preces decoradas, demonstração de sermões formulados intelectualmente e planejados para glorificar a Deus e angariar convertidos, mas por meio da *realização*! Identifiquem-se não com o intolerante fanatismo disfarçado de sabedoria, mas com a Consciência Crística. Identifiquem-se com o Amor Universal, expresso no serviço material e espiritual a todos; então saberão quem foi Jesus Cristo e poderão afirmar, em suas almas, que somos todos uma só família, filhos do Deus Único!

¹⁵ Em 1932, Dr. W. Y. Evans-Wentz, escritor renomado e especialista em religiões comparadas da Universidade de Oxford, escreveu:

“Gloriosos são os legados espirituais do Egito, da Grécia e de Roma, porém ainda mais gloriosos são os legados espirituais que a Índia está oferecendo aos povos da Europa e da América por mediação de seus Sábios do Oriente, de quem Swami Yoganda, o ilustre criador do sistema *Yogoda [Self-Realization]*, é apenas mais um numa longa dinastia que se estende ininterruptamente até a nossa época desde as obscuras eras pré-históricas. Swami veio às nações do Ocidente para expor a suprema ciência da vida, que cada um de seus antecessores dinásticos tem exposto, um após o outro, século após século.

“Restou para esta geração de filhos iluminados da Índia libertar o Cristo nascido no Oriente da prisão em que as teologias do Ocidente o mantiveram ao longo dos séculos; e proclamar novamente, como ele o fez, a mensagem antiga, porém sempre renovada, de renúncia ao mundano e de altruísmo, revelando o Caminho Único que conduz à Autorrealização, à libertação e à vitória sobre o mundo, que todos os fundadores das grandes religiões históricas da humanidade trilharam e revelaram (...).”
(Nota da Editora)

¹⁶ João 10:34.